

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA TERAPIA ONCOLÓGICA INFANTIL

RELEVANCE OF RECREATIONAL ACTIVITIES IN CHILDREN'S ONCOLOGICAL THERAPY

ACTIVIDADES RECREATIVAS EN LA TERAPIA ONCOLÓGICA DE LOS NIÑOS

Adriele de Brito Paixão*, Taís Araujo Silva Damasceno*, Josielson Costa da Silva**

Resumo

Introdução: O câncer é uma doença crônica, cujo tratamento requer um tempo considerável de hospitalização. O tratamento causa impactos que afetam não só o organismo, mas o contexto psicológico, social e espiritual da criança, da família e dos cuidadores. Considerando-se estes aspectos, a ludoterapia é importante estratégia assistencial. **Objetivos:** Discutir a importância da ludoterapia no cuidado à criança hospitalizada com câncer, identificar os tipos de atividades lúdicas desenvolvidas durante o processo de hospitalização e os benefícios da realização da atividade lúdica para a criança com câncer. **Método:** Estudo de revisão, desenvolvido a partir de literatura sobre a temática ludoterapia, pelos descritores: câncer, criança hospitalizada, ludoterapia, humanização da assistência. **Resultados:** Foram extraídas duas categorias temáticas após a leitura interpretativa dos textos: atividades lúdicas desenvolvidas no âmbito hospitalar na assistência à criança com câncer; principais benefícios resultantes da intervenção lúdica para recuperação da criança hospitalizada com câncer. As brincadeiras, leituras, músicas, sons, teatralização, danças, pinturas e desenhos, dentre outras estratégias auxiliam no desenvolvimento, aprendizagem, socialização e humanização, trazendo inúmeros benefícios durante o processo de tratamento, recuperação e reabilitação, para a criança hospitalizada, a família e a equipe multiprofissional. **Conclusão:** É essencial utilizar os recursos da ludoterapia nos ambientes de cuidado à criança com câncer, pois favorece, além da diversão, a expressão de sentimentos e de emoções pelas quais a criança passa, possibilitando personalizar a intervenção. Recomenda-se à equipe de enfermagem implementar o lúdico na sua prática assistencial.

Palavras-chave: Câncer. Criança hospitalizada. Ludoterapia. Humanização da assistência.

Abstract

Introduction: Cancer is a chronic disease whose treatment requires a considerable hospitalization time. The treatment causes impacts that affect not only the body, but also the psychological, social and spiritual context of child, family and caregivers. Considering these aspects, ludotherapy is an important care strategy. **Objective:** To discuss the relevance of ludotherapy in the care of hospitalized children with cancer and to identify the kind of play activities developed during the hospitalization process and the benefits of performing the play activity for the child with cancer. **Method:** It is a review study, developed starting from the literature about the topic ludotherapy, using the descriptors: cancer, hospitalized children, ludotherapy and humanization of assistance. **Results:** Two thematic categories were selected after the interpretive reading of the texts: play activities developed in the hospital environment in the care of children with cancer; Main benefits resulting from playful intervention for the recovery of hospitalized children with cancer. Games, readings, music, sounds, theatricalization, dances, paintings and drawings, among other strategies, aid in development, learning, socialization and humanization, bringing uncountable benefits during the process of treatment, recovery and rehabilitation for the hospitalized child, the family and the multiprofessional team. **Conclusion:** It is essential to use ludotherapy resources in care settings for children with cancer, once it provides, besides fun, the expression of feelings and emotions through which the child passes, allowing the intervention to be personalized. It is recommended that the nursing team implement ludotherapy in its care practice.

Keywords: Neoplasms. Hospitalized child. Play therapy. Humanization of assistance.

Resumen

Introducción: El cáncer es una enfermedad crónica cuyo tratamiento requiere un considerable periodo de hospitalización. El tratamiento hace que impactos afecten no sólo el cuerpo, pero el contexto psicológico, social y espiritual del niño, la familia y los cuidadores. Teniendo en cuenta estos aspectos, la ludoterapia es la estrategia de atención importante. **Objetivo:** Analizar la importancia de la ludoterapia en el cuidado de los niños hospitalizados con cáncer, identificar los tipos de actividades recreativas durante el proceso de hospitalización y los beneficios de la realización de la actividad de juego para niños con cáncer. **Método:** Estudio de revisión, desarrollado a partir de la literatura sobre el tema ludoterapia, palabras clave: cáncer, los niños hospitalizados, ludoterapia, la humanización de asistencia. **Resultados:** Se extrajeron dos categorías temáticas después de la lectura interpretativa de los textos: actividades recreativas en los hospitales para el cuidado de los niños con cáncer; principales beneficios de la intervención lúdica para la recuperación de los niños hospitalizados con cáncer. Los juegos, lecturas, música, sonido, teatro, danza, pinturas y dibujos, entre otras estrategias de ayudar en el desarrollo, el aprendizaje, la socialización y humanización, traer numerosos beneficios durante el proceso de tratamiento, recuperación y rehabilitación de los niños hospitalizados, la familia y el equipo multidisciplinario. **Conclusión:** Es imprescindible el uso de los recursos de la ludoterapia en entornos de cuidado de niños con cáncer, de favores, así como la diversión, la expresión de sentimientos y emociones en el que el niño se mueve, lo que permite una intervención personalizada. Se recomienda que el personal de enfermería implemente el lúdico en la práctica asistencial.

Palabras clave: Neoplasias. Niño hospitalizado. Ludoterapia. Humanización de la atención.

* Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Jorge Amado, Salvador-Bahia.

** Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA). Especialista em Enfermagem Neonatal e Pediátrica. Professor da UNIJORGE e UFBA. Contato: neonatologia.educ@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A hospitalização é vista como uma situação traumatizante para todos os indivíduos independentemente da sua idade, seja devido: ao tempo de internação, à insegurança, medo, ao ócio, à vulnerabilidade, ao distanciamento dos familiares, ao ambiente desconhecido, à perda da privacidade e aos procedimentos realizados que geralmente são dolorosos¹.

No caso da criança a hospitalização pode se configurar como uma experiência traumática, pois lhe proporciona insatisfações momentâneas ou prejuízos que irão além da internação, bem como a afasta de sua vida cotidiana e do ambiente familiar colocando-a em um mundo diferente, constituído de equipamentos, pessoas desconhecidas, limitações de movimento, cheiros e odores, procedimentos e dores².

A sociedade contemporânea está passando por transformações radicais nos hábitos de vida e o impacto dessas mudanças poderá repercutir no perfil de incidência e mortalidade de alguns tipos de câncer na infância e adolescência³.

O câncer compreende um conjunto de patologias que incidem sobre o organismo, duplicando células diferenciadas de modo desordenado. Doença crônica de manifestação muito difícil, especialmente quando as vítimas são crianças. O tratamento do câncer requer um tempo prolongado no ambiente hospitalar e, por consequência, causa impactos que afetam não só o organismo, mas o contexto psicológico, social e espiritual da criança, da família e dos cuidadores. Além de aflições, angústias, medo, desespero e incertezas, permeia no presente e futuro da criança um turbilhão de sentimentos e perspectivas.

Estimam-se, para o Brasil, no ano de 2016, 420.310 casos novos de câncer, excluídos os tumores de pele não melanoma. Como o percentual mediano dos tumores pediátricos observados nos Registros de Câncer de Base Populacional (RCBP) brasileiros encontra-se próximo de 3%, depreende-se, portanto, que ocorrerão aproximadamente 12.600 casos novos de câncer em crianças e adolescentes até os 19 anos. As Regiões Sudeste e Nordeste apresentarão os maiores números de casos novos, 6.050 e 2.750, respectivamente, seguidas pelas Regiões Sul (1.320 casos novos), Centro-Oeste (1.270 casos novos) e Norte (1.210 casos novos, seguidas

pelo sul do país). Especula-se que a maior incidência da problemática na região norte e nordeste ocorra pelo fato destas regiões possuírem condições socioeconômicas menos favoráveis⁴.

Os tipos de cânceres infantis são muitos, mas os de maior incidência são as leucemias, principalmente as leucemias linfóides agudas (LLA), seguidas de linfomas do tipo não Hodgkin (LNH)⁵. As formas mais comuns de tratamento antineoplásico incluem quimioterapia, radioterapia, cirurgia e transplante de medula óssea. Tratamentos demorados que expõem a criança a uma série de mudanças difíceis como: alteração da rotina, separação do lar, inúmeras restrições, convivência com pessoas até então desconhecidas e, acima de tudo, vivência da angústia do processo de hospitalização. Toda essa transformação compromete de forma direta seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. A criança passa a apresentar sentimentos de culpabilidade e temor à morte, ocasionando comportamentos sucessivos de estresse e ansiedade⁶⁻⁸.

Devido às inesperadas alterações bruscas na vida das crianças acometidas pelo câncer, percebe-se a importância da utilização de recursos que integrem uma assistência apropriada e mais humanizada capaz de reduzir as consequências negativas da doença, estimulando aproveitamentos alusivos à aprendizagem e apoio no âmbito sentimental. As atividades lúdicas ajudam a acelerar o progresso da recuperação e aclimação da criança ao ambiente hospitalar^{7,8}.

Na vida, a fase da infância, em sua maior parte, é representada pelo brincar e é através dessa prática que a criança cria suas experiências, faz descobertas, vivencia suas fantasias e percebe suas habilidades. Além disso, a infância permite à criança estimular sua iniciativa, criatividade, autoconfiança; desenvolver o sistema psicomotor, cognitivo, social e afetivo^{9,10}.

A ludoterapia é uma intervenção psicoterapêutica com resultados positivos para a criança, pois no ato de brincar ela expressa suas emoções e experiências. As brincadeiras fazem parte da infância e do desenvolvimento da criança, e independente das limitações existentes elas devem usufruir desses momentos de descontração. Durante a hospitalização, as atividades lúdicas permitem que as crianças tenham melhor aceitação do ambiente hospitalar⁹.

Brincar ajuda a criança a ser imaginativa, a criar e a imitar situações já vivenciadas, interiorizar regras e a assimilar padrões culturais. Nesse sentido, o brincar deve ser um recurso utilizado pelo profissional da área da saúde para desenvolver a empatia e criar um vínculo para entender melhor o momento que a criança está vivenciando. Por meio do brincar, adquire-se uma visão mais precisa das necessidades da criança possibilitando elaborar um plano de cuidados, visando a atender suas reais necessidades^{10,11}.

Os brinquedos e as brincadeiras são elementos diferenciados no contexto do processo de cuidar que os profissionais de enfermagem devem sempre utilizar, pois ajudam a minimizar as respostas dolorosas das crianças advindas dos inúmeros tratamentos e intervenções realizadas. Deste modo, a aptidão do enfermeiro em criar essa relação de amizade e confiança com base em brincadeiras é fundamental, tendo em vista melhorar significativamente o desempenho da criança durante a hospitalização^{10,12}.

Neste contexto, o estudo traz como objetivo geral discutir a importância da ludoterapia no cuidado à criança hospitalizada por câncer. Como objetivos específicos: identificar os tipos de atividades lúdicas desenvolvidas durante o processo de hospitalização e os benefícios da realização da atividade lúdica para a criança com câncer.

MÉTODO

O estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica desenvolvida a partir de artigos disponibilizados em bases de dados indexadas sobre a relevância do brincar para crianças em tratamento de câncer. Guiaram a coleta de dados os descritores: câncer, criança hospitalizada, ludoterapia e humanização da assistência. Os critérios de inclusão consistiram em artigos que envolviam a temática e atendiam aos objetivos propostos pelo estudo: textos publicados na íntegra, disponíveis em língua portuguesa e indexados nos últimos dez anos, ou seja, de 2006 a 2016.

As bases de dados utilizadas na coleta foram: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), LILACS e BIREME, além de outros manuscritos disponíveis em sites de organizações como: Grupo de Apoio ao Adolescente e a Criança com Câncer (GRAACC) e Instituto Nacional do Câncer (INCA).

Tomando por base as publicações selecionadas, a

discussão do trabalho seguiu uma linha cronológica para apresentação das ideias e conhecimentos por meio de duas categorias, sendo elas: *“Atividades lúdicas assistenciais desenvolvidas no âmbito hospitalar junto à criança com câncer”*; *“Principais benefícios resultantes da intervenção lúdica para recuperação da criança hospitalizada com câncer”*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo, prevaleceram estudos quantitativos, realizados em clínicas com população de crianças nas fases pré-escolar e escolar. Há destaque para a importância do trabalho conjunto, multi e interdisciplinar na ludoterapia. Tratamento que se vale de jogos e divertimentos, até mesmo de competições esportivas, para aliviar as angústias dos pacientes.

Ao analisar as publicações frente ao brincar no ambiente hospitalar, observou-se que existe uma importante diferença entre as brincadeiras desenvolvidas durante o período de hospitalização e o cenário residencial das crianças, principalmente as estratégias e atividades desenvolvidas no espaço hospitalar. Vários hospitais atualmente no Brasil e no mundo abrem espaço para os grupos lúdicos a fim de promover um ambiente humanizado aos pacientes em âmbito hospitalar¹³. A manutenção das atividades de brincadeira para as crianças com câncer é reconhecida como importante ferramenta para melhorar o enfrentamento positivo em relação à doença e ao tratamento¹⁴. Tal situação pode ser modificada alterando-se o próprio ambiente, disponibilizando brinquedos e condições para que naturalmente a criança brinque segundo as condições clínicas, também com a participação dos familiares.

Tomando por base os benefícios que o lúdico proporciona às crianças, para melhor explicar os resultados e ampliar o sentido da discussão, este estudo foi dividido em duas categorias, descritas a seguir.

Atividades lúdicas assistenciais desenvolvidas no âmbito hospitalar junto à criança com câncer

O lúdico é um recurso importante a ser utilizado junto às crianças hospitalizadas sob tratamento prolongado^{7,15,16}. Atualmente, têm-se como exemplo as brinquedotecas instaladas nos hospitais infantis cujos ambientes apropriados estimulam o brincar, objetivando

favorecer e instigar a uma melhor qualidade de vida, à medida que reduzem o padecimento, os estágios de adoecimento e o choque por estar num ambiente hospitalar^{2,3,9}.

Para Barros e Lustosa¹⁷, na brinquedoteca hospitalar é importante haver diversos brinquedos para distrair as crianças. Compreendem jogos de tabuleiros, de montagem, bonecas, bolas, brinquedos artesanais e educativos, fabricados através de sucatas pelas próprias crianças, brinquedos especiais ou adaptados para crianças com movimentos limitados em decorrência de enfermidades, assim como para crianças com deficiência visual ou de fala e escuta, e até para crianças em regime de isolamento hospitalar.

A brinquedoteca é um espaço específico para se utilizar brinquedos corretamente. Sabendo-se de todos os efeitos que uma hospitalização pode causar a uma criança, percebe-se que o brinquedo é um instrumento a ser utilizado no auxílio e enfrentamento da doença, possibilitando à criança vivenciar uma experiência mais prazerosa durante o período de tratamento. Assim, percebe-se que as técnicas e estratégias empregadas para inserir o lúdico no ambiente hospitalar ganham um amplo espectro, observado pela diversidade de atividades propostas que variam desde as pinturas, desenhos, mágicas, leitura de histórias, fantoches, além do Teatro Clown¹⁸.

Essas ações desenvolvidas no âmbito hospitalar têm tanta repercussão que são amparadas por leis. Tendo em vista a temática, em 24 de março de 2005 foi sancionada a Lei nº 11.104, que impõe implantação de brinquedoteca em todos os hospitais onde há assistência pediátrica^{8,10,19}. A Lei não só reforça a buscar alternativas para melhorar a condição clínica da criança no seu tratamento, como permite que não se interrompa o fluxo do desenvolvimento infantil, pois a criança precisa brincar, interagir e viver o seu mundo do faz de conta, assegurando-lhe, inclusive, um dos direitos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹⁸.

Pela Lei nº 11.104, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) pontua a necessidade do enfermeiro, enquanto integrante de uma equipe multiprofissional, desenvolver técnicas da brinquedoterapia ou do lúdico no seu planejamento assistencial. Diante de mudanças que ocorriam nos currículos na graduação de Enfermagem

desde o surgimento do ECA em 1990, o COFEN designou no Artigo 1º – Compete ao Enfermeiro que atua na área pediátrica, enquanto integrante da equipe multiprofissional de saúde, a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico, na assistência à criança e família hospitalizadas²⁰.

Pensar em trabalhar o lúdico no hospital não é só levar um brinquedo para a enfermaria, é preciso contextualizá-lo à fase do desenvolvimento e às condições clínicas da criança. A utilização de brinquedotecas nos hospitais é essencial, porém, para crianças com dificuldades de locomoção é importante o incentivo à recreação no leito. Para tanto, existem metodologias apropriadas, cujos recursos se dão por meio de livros e contação de histórias, se possível com a utilização de fantoches, jogos de dominó, quebra-cabeça, bonecas e carrinhos. A finalidade será sempre adequar os recursos às limitações do paciente e ao tratamento^{6,13,16,21,22}.

Ribeiro et al.¹³ referem que a existência de vários tipos de brinquedos terapêuticos facilita a atuação dos profissionais no cuidado ao paciente oncológico na pediatria. A esse respeito, Pedrosa et al.⁶ recomendam a escolha do brinquedo de acordo com a etapa do desenvolvimento infantil. Por exemplo, o período sensorial-motor compreende a fase de zero a dois anos, propiciando o desenvolvimento visual e sonoro. Nesse período é importante utilizar brinquedos coloridos, sonoros e que tenham movimento, tais como: objetos de encaixe, mordedores e chocalhos. A partir dessa fase é muito importante a brincadeira de esconde-esconde, pois ela permite que a criança exponha como está elaborando o processo de separação, ou seja, sua ansiedade em querer achar logo o companheiro. Esse tipo de brincadeira desperta também a inteligência da criança em adquirir noções de tamanho, distância e espaço.

O período das operações concretas encontra-se na fase entre dois e doze anos, onde a criança começa a associar tudo à sua volta, com base em suas ações e sentimentos. A linguagem se desenvolve e o mundo da imaginação começa a ser formado. A criança acaba optando por: teatros, fantoches e bonecos que colaboram para a construção da sua identidade, pois, nestes jogos, ela poderá interpretar diferentes papéis sociais e vivenciar sensações e emoções distintas. O desenho, a pintura e o recortar são uma maneira da criança lidar com a realidade

que a cerca, representando situações de seu interesse, além de desenvolver sua coordenação motora. Podem ser usados até mesmo materiais hospitalares como: seringas, estetoscópio, roupas de médicos e enfermeiros que auxiliam a reproduzir a experiência vivenciada no hospital, com base no brincar por meio do faz-de-conta²³.

Já o período das operações formais compreende crianças acima de doze anos, e geralmente mais tímidas, preferem assistir filmes, utilizar jogos eletrônicos, quebra-cabeças, dominó, baralho, mas também despertam seu interesse pela leitura, devendo ser estimuladas e direcionadas pelos profissionais²³.

O cuidar da criança vai muito além de uma ação única e isolada de um profissional, é preciso valorizar o trabalho multiprofissional e multidisciplinar, uma vez que, no contexto, este cuidado perpassa por vários atores sociais participantes do processo de trabalho, sejam médicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, psicólogos. Dessa forma, é possível empregar um diversificado número de brinquedos para explorar a imaginação e a criatividade da criança, de modo a assegurar-lhe lazer e divertimento^{23,24}.

Outro recurso que melhora a condição clínica e estimula o desenvolvimento neuropsicomotor da criança é a música. O som pode despertar na criança sensações emocionais que permitem não só desenvolver a autoestima para o enfrentamento da doença, como promover a redução de fatores agressivos, vivenciados no âmbito hospitalar. Destaca-se a importância do universo musical acompanhar a criança desde seu processo de formação intra útero. Ainda vale ressaltar a existência de uma variedade imensa de sons, e cada um deles pode sensibilizar uma criança. A musicoterapia é uma estratégia lúdica que consiste em utilizar o som para alívio físico, emocional e comportamental, contribuindo para aliviar também a dor, pois provoca relevantes efeitos nos pacientes infantis oncológicos por aumentar a autoestima, alegrar o ambiente, proporcionando momentos de relaxamento²⁵.

Outras atividades de grande adesão dos pacientes são as brincadeiras realizadas por palhaços, a risoterapia, por proporcionar momentos de felicidade, humanização e vínculo com todos os envolvidos no contexto do tratamento, crianças, famílias e equipe multiprofissional²¹. São grupos de médicos-palhaços ou atores, criados para levar o lúdico a crianças que estão passando por um período de hospitalização. Acredita-se que as risadas são

os remédios mais eficazes para um tratamento com êxito. As crianças geralmente aproveitam a figura do palhaço para passarem informações, gozando momentos de prazer através da arte e da magia, de forma humanizada, contribuindo assim para a aceitação e o sucesso do tratamento. Destacam-se nesse cenário: "Os doutores da alegria", "Anjos da enfermagem", "Companhia do riso", entre outros²⁶.

Atualmente, uma nova estratégia no ambiente hospitalar infantil é o emprego da tecnologia. E, nesse contexto, revoluciona através de equipamentos eletrônicos diversificados, com luzes e sons auxiliando na descontração das crianças, em especial àquelas com déficit de locomoção para efetivar atividades ou que estejam sob restrições de contato com outras pessoas¹¹.

As principais atividades lúdicas apontadas como mais apreciadas pelas crianças em tratamento oncológico nos hospitais são: brinquedos (carrinhos, bonecas, casinhas, palhaços e chocalhos), jogos (dominó, quebra-cabeça, jogo da memória, dama, jogo de encaixe) e livros ("A bela e a fera", "O pequeno polegar", "Cinderela", "Os três porquinhos", "Branca de neve", "Chapeuzinho vermelho", "O patinho feio", "Bambi", "Pinóquio", "A flor da raiz vermelha", "Tom e Jerry" e "Piadas do Louro José")⁶.

Principais benefícios resultantes da intervenção lúdica para recuperação da criança hospitalizada com câncer

O cuidado que a enfermagem oferece à criança internada e à sua família é complexo e amplo, uma vez que abrange a realização efetiva da técnica, conhecimento pertinente à patologia vivente e habilidade em cuidar das necessidades bio-físio-imuno-sócio-comportamentais²⁷. Assim, as atividades recreativas na hospitalização de crianças com câncer auxiliam a aliviar os momentos difíceis, exercendo papel incentivador, além de oferecer-lhes a liberdade em exprimir seus sentimentos e a intensificar as relações sociais entre pacientes, família e equipe de saúde²⁸⁻³⁰.

Na assistência de enfermagem deve-se utilizar o brinquedo terapêutico para contribuir nos procedimentos, impedindo possíveis processos traumáticos para a criança. Ao empregar o brinquedo é primordial estar atento às manifestações verbais da criança, e não somente para o desempenho da atividade produzida. A estratégia pode

ser elaborada em salas propícias, no leito ou em qualquer espaço pertinente para a atividade lúdica²⁶.

A utilização do brinquedo terapêutico no tratamento com a criança é vista como uma evolução na assistência de enfermagem, desta forma, o enfermeiro deve reconhecer os benefícios para o paciente, melhorando o relacionamento entre profissionais e pais, favorecendo também o reconhecimento dos mesmos pelo seu trabalho assistencial. Contudo, ainda que essa estratégia seja considerada um avanço no cuidar, impera ainda em muitos hospitais o modelo biomédico em que a criança é vista como um ser patológico. Cabe à enfermeira adquirir conhecimentos sobre a importância do brinquedo, associando-o a alguns procedimentos, contribuindo assim com a ludoterapia³¹.

A diáde brincar x saúde tem se mostrado um progresso como estratégia no cuidar, induzindo muitos profissionais de saúde a utilizarem essa estratégia terapêutica diante das inúmeras vantagens oferecidas. As atividades lúdicas induzem o lado saudável do corpo, com maior possibilidade de convívio com o ambiente físico e social, ultrapassando dificuldades impostas pela doença, podendo até reduzir o período de hospitalização. A partir da ludicidade, criam-se laços, a consciência de si e do local, a compreensão da realidade, todos coadjuvantes dos procedimentos hospitalares³².

O riso promovido pela ludicidade tem efeito terapêutico, colaborando no método analgésico, pois sua prática favorece o humor e intensifica a imunidade, reduz a tensão muscular e diminui a exaustão, ansiedade e a algia, através da liberação de neurotransmissores que proporcionam o bem-estar (serotonina e endorfinas), pelo sistema límbico. Momentos de alegria suscitam alterações psiconeuroendócrinas que atuam no sistema imunológico, expandindo o fluxo sanguíneo cerebral, diminuindo indícios de ansiedade e depressão. A gargalhada também favorece o exercício respiratório, pois age como miorrelaxante, essencial para a contenção da tensão, especialmente nos momentos de dor. O riso por dez minutos contribui para sensação de felicidade e pode suavizar a dor por horas, facilitando o repouso³⁰.

Realizar cuidados de enfermagem propicia criar um elo de confiança com a criança e ampará-la, bem como a seus pais, fazendo-os sentirem-se incluídos no ambiente hospitalar. Nesse sentido, a ludoterapia ajuda

a criança a se sentir protegida e com mais ânimo e forças para encarar o estado em que se encontra, além de elaborar meios que facilitem sua comunicação em relação à experiência vivida. Também auxilia a criança a minimizar o medo, favorecendo a catarse; a desmistificar e esclarecer alguns conceitos errados, instigando-a a entrar em contato com a realidade; a expressar-se de maneira precisa e adequada em sua fase de desenvolvimento, para que a experiência seja menos dolorosa e se transforme em oportunidade de evolução e aprendizado, tanto para a criança quanto para seus pais. Deste modo, durante os procedimentos, a criança deve ser auxiliada a expressar o que está sentindo³².

Evidencia-se que a assistência em enfermagem não inclui apenas procedimentos técnicos e invasivos, mas, especialmente junto à criança e a família, requer conhecimentos específicos, respeito, presença, destreza, delicadeza e muita complacência. A relação do enfermeiro com a criança e seus familiares pode possibilitar um vínculo mais harmonioso, fortalecendo a comunicação, o entendimento, a satisfação e a confiança³².

CONCLUSÃO

É inegável que a hospitalização interfere na qualidade de vida e no bem-estar da criança. Brincar é necessário em qualquer fase da vida da criança, pois além de proporcionar diversão, movimento, socialização, alegria, contribui para a aprendizagem e o seu desenvolvimento. A criança com câncer, de modo geral, passa longo tempo internada e ainda é submetida a várias reinternações e tratamentos estressantes. Portanto, é fundamental que no plano de cuidados sejam inseridas brincadeiras e leituras como estratégias de lazer.

A ludoterapia requer um direcionamento adequado com vistas a considerar o brinquedo mais adequado à faixa etária e às condições clínicas que a criança esteja apresentando. É uma atividade a ser desenvolvida pela equipe multiprofissional, com a participação da família e amigos da criança.

A hospitalização desencadeia estressores físicos e psicológicos como medo, angústia, ansiedade, depressão, intromissão, dentre outros aspectos. A mudança das condições do ambiente por meio de músicas, cores, sons e brinquedos contribui para uma melhor satisfação por parte da criança e dos pais. Também, podem-se amenizar os

efeitos negativos da rotina no ambiente hospitalar quando se permite a permanência de uma pessoa significativa para a criança, a participação da própria criança no planejamento dos seus cuidados, a escolha de alimentos e das roupas preferidas. Aspecto importante é promover a continuidade das atividades escolares, chamar a criança

pelo nome, assim como oferecer explicações, apoio e auxílio para a sua inserção nos espaços para recreação.

Não apenas interesse, mas aprimoramento constante do cuidado à criança com câncer devem nortear o conhecimento e as ações/intervenções de enfermagem desde a graduação.

REFERÊNCIAS

- Pinto MB, Andrade LDF, Medeiros APG, Santos GLO, Queiroz R, Jales RD. Atividade lúdica e sua importância na hospitalização infantil: uma revisão integrativa. *Rev Universidade Vale do Rio Verde*. 2015; 13(2):298-312.
- Martinez EA, Tocantins FR, Souza SR. As especificidades da comunicação na assistência de enfermagem à criança. *Rev Gaucha Enferm*. 2013; 34(1):37-44.
- Silva, JKO, Moreira Filho DC, Mahayri N, Ferraz RO, Friestino FS. Câncer infantil: monitoramento da informação através dos registros de câncer de base populacional. *Rev Bras Cancerol*. 2012; 58(4):681-6.
- Instituto Nacional do Câncer. Estimativa, 2016. Incidência de Câncer no Brasil. [Internet] [citado em 30 mar. 2016]. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/sintese-de-resultados-comentarios.asp>
- Elman I, Soares NS, Silva MEMP. Análise da sensibilidade do gosto umami em crianças com câncer. *Rev Bras Cancerol*. 2010; 56(2):237-42.
- Pedrosa AM, Monteiro H, Lins K, Pedrosa F, Melo C. Diversão em movimento: um projeto lúdico para crianças hospitalizadas no Serviço de Oncologia Pediátrica do Instituto Materno Infantil Prof. Fernando Figueira, IMIP. *Rev Bras Saúde Materno-Infantil*. 2007; 7(1):99-106.
- Gesteira ECR, Franco ECD, Braga PP, Criscuolo MBR, Oliveira JS. Contos infante juvenis: uma prática de humanização para crianças hospitalizadas. *Rev Enferm UFSM*. 2014; 4(3):575-83.
- Nascimento WG, Silva G, Oliveira JMS, Moura MGM, Santos RVO. Humanização da equipe de enfermagem no contato com a criança e a família através do lúdico: um relato de experiência. *Rev Universidade Vale do Rio Verde*. 2016; 14(1):113-21.
- Vasconcelos RF, Albuquerque VB, Costa MLG. Reflexões da clínica terapêutica ocupacional junto à criança com câncer na vigência da quimioterapia. *Rev Bras Cancerol* [Internet]. 2006 [citado em 30 abr. 2016]; 52(2):129-37. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/rbc/n_52/v02/pdf/artigo2.pdf
- Oliveira LDB, Gabarra LM, Marcon C, Silva JLC, Macchiaverni J. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. *Rev Bras Crescim Desenvolv Hum*. 2009; 19(2):306-12.
- Lima KYN, Santos VEP. O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer. *Rev Gaucha Enferm*. 2015; 36(2):76-81.
- Souza LPS, Silva RKP, Amaral RG, Souza AAM, Mota EC, Silva CSO. Câncer infantil: sentimentos manifestados por crianças em quimioterapia durante sessões de brinquedo terapêutico. *Rev Rene* [Internet]. 2012 [citado em 25 abr. 2016]; 13(3):686-92. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/736/pdf>
- Ribeiro ABS, Pinheiro WR, Araújo GA, Akerman M. A ludoterapia e a criança hospitalizada: uma revisão sistemática. *Cadernos ESP Ceará* [Internet]. 2014 [citado em 25 abr. 2016]; 8(1):67-80. Disponível em: <http://www.esp.ce.gov.br/cadernosesp/index.php/cadernosesp/article/view/171>
- Artalheiro APS, Almeida FA, Chacon JMF. Use of therapeutic play in preparing preschool children for outpatient chemotherapy. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2011 [citado em 30 mar. 2016]; 24(5):611-6. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n5/en_03v24n5.pdf
- Esteves CH, Antunes C, Caires S. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. *Interface – Comunic Saúde Educ*. 2014; 18(51):697-708.
- Silva LF, Cabral IE, Christoffel MM. O Brincar na vida do escolar com câncer em tratamento ambulatorial: possibilidades para o desenvolvimento. *Rev Bras Crescim Desenv Hum*. 2008; 18(3):275-87.
- Barros DMS, Lustosa MA. A ludoterapia na doença crônica infantil: Play therapy in chronic childhood. *Rev SBPH*. [Internet]. 2009 [citado em 30 mar. 2016]; 12(2): 114-136. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582009000200010&lng=pt.
- Brasil. Ministério da Saúde. Estatuto da criança e do adolescente. 3ª ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2008.
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 11.104. Brasília, DF, 21 mar. 2005. [Internet] [citado em 25 mar. 2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm
- Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN-295/2004. [Internet] [citado em 25 mar. 2016]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluco-cofen-2952004_4331.html
- Oliveira CS, Maia EBS, Borba RIH, Ribeiro CA. O brinquedo terapêutico na assistência à criança: o significado para os pais. *Rev Soc Bras Enferm Ped*. 2006; 6(2):75-83.
- Oliveira FM, Ramos EFAS, Lucena RF, Santos FPM, Bezerra AS, Loureiro JNC, et al. Atividades lúdicas no ambiente hospitalar. In: XX Congresso Brasileiro e Economia Doméstica, Fortaleza, CE; 2009. [Internet] [citado em 12 mar. 2016]. Disponível em: http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_11.pdf
- Oliveira RS. A importância do brincar no ambiente hospitalar: da recreação ao instrumento terapêutico. [trabalho de conclusão de curso]. Salvador, BA: Universidade Salvador; 2012. [citado em 30 abr. 2016]. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-hospitalar/a-importancia-do-brincar-no-ambiente-hospitalar-da-recreacao-ao-instrumento-terapeutico>
- Leite MAVS, Neves NVG, Barreto MLM, Castro RS, Jesus CT, Costa BA. Brinquedoteca hospitalar: o lúdico como instrumento de mediação na recuperação de crianças enfermas. *Rev ELO - Diálogos em Extensão*. 2013; 2(1):33-50. Disponível em: <http://www.elo.ufv.br/index.php/elos/article/view/9/9>
- Moura CC, Resck ZMR, Dázio EMR. Atividades lúdicas realizadas com pacientes portadores de neoplasia internados em Hospital Geral. *Rev Rene*. 2012.12(3):667-76.
- Freitas AF, Adami F, Albuquerque GA, Belém JM, Nunes JFC. Importância da ludicidade e sua influência na melhoria da saúde do paciente oncológico infantil hospitalizado. *E-ciência*. 2013; 1(1):1-14. Disponível em: <http://www.fjn.edu.br/revistaeciencia/artigos/artigo4.pdf>
- Cintra SMP, Silva CV, Ribeiro CA. O ensino do brinquedo/brinquedo terapêutico nos cursos de Graduação em Enfermagem no Estado de São Paulo. *Rev Bras Enferm*. 2006; 59(4):497-501.

28. Rodrigues PA, Baratto F, Casarin JT, Gehlen MH. A ludicidade na oncologia: um relato de experiência. In: II Jornada Internacional de enfermagem UNIFRA; 2012. [Internet] [citado em 11 abr. 2016]. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/jornadadeenfermagem/Trabalhos/4205.pdf>>
29. Depianti JRB, Silva LF, Carvalho AS, Monteiro ACM. Nursing perceptions of the benefits of ludicity on care practices for children with cancer: a descriptive study. *Online Braz J Nurs* [Internet]. 2014 [citado em 22 mar. 2016]; 13(2):158-65. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4314>
30. Sousa RD, Schueroff LL, Pessoa RP, Sozinho MBR. A importância do brincar para as crianças oncológicas na percepção dos cuidadores: em um hospital de referência na cidade de Belém, Estado do Pará, Brasil. *Rev Pediatría Soperj* [Internet]. 2013 [citado em 24 mar. 2016]; 1(14):21-5. Disponível em: http://revistadepediatriasoperj.org.br/detalhe_artigo.asp?id=629
31. Conceição CM, Ribeiro CA, Borba RIH, Ohara CVS, Andrade PR. Brinquedo terapêutico no preparo da criança para punção venosa ambulatorial: percepção dos pais e acompanhantes. *Esc Anna Nery*. 2011; 15(2):346-53.
32. Amaral H, Romana F, Oliveira F, Trage K, Mássia M, Fortes N. Estimular brincando: desenvolvimento de brinquedo, ferramenta de auxílio lúdico-educativo no tratamento do câncer infantil: experimentações sob a ótica do imaginário. In: II Encontro Ouvindo Coisas, Santa Maria, RS; 2011. [citado em 25 mar. 2016]. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2012/01/Natali-Fortes.pdf>

Recebido em: 10/06/2016

Aceite em: 28/10/2016